ANPUH – Associação Nacional de História / Núcleo Regional de Pernambuco

MEMÓRIA&HISTÓRIA

V Encontro Nordestino de História
V Encontro Estadual de História

Recife, UFPE - 10 A 15 de outubro 2004

# DO LITORAL AO SERTÃO:
# ATUAL PESENÇA POTYGUARA NA SERRA DAS MATAS / CE

Carmen Lúcia Silva Lima

# DO LITORAL AO SERTÃO:
# ATUAL PESENÇA POTYGUARA NA SERRA DAS MATAS / CE[*]

Carmen Lúcia Silva Lima[**]
mjc.pe@terra.com.br

**Resumo:**

A historiografia cearense registra a presença Potiguara, no estado do Ceará, desde 1603, tempo em que eles ocupavam grandes porções territoriais no litoral nordestino. Detentores de uma trajetória de longo contato, apresentam um percurso marcado por conflitos e alianças. São, desta forma, assim como outros grupos indígenas, portadores de uma maleabilidade bastante significativa. O fim dos aldeamentos produziu a crença no desaparecimento dos indígenas. A leitura equivocada do Relatório do Presidente da Província do Ceará, José Bento da Cunha Figueredo, apresentado à Assembléia Legislativa Provincial, em 1863, originou o discurso de extinção dos indígenas por "decreto", enfatizada, ainda hoje, pelos discursos do movimento indígena e indígenista local. A partir da década de 1980, em um novo contexto social e político, os indígenas retornam ao cenário público reivindicando seus direitos específicos. Dos doze grupos organizados, vários afirmam suas origens na etnia potiguara. Este trabalho tem o objetivo de apresentar alguns registros históricos e etnográficos que permitem compreender a atual presença Potiguara na Serra das Matas, no Centro-oeste cearense.

Palavras chaves: **POTYGUARA - EXTINÇÃO - REAPARECIMENTO**

## Indígenas no Ceará

Os povos indígenas no Ceará perderam sua visibilidade com a manutenção da hegemonia conquistada pela metrópole portuguesa. A violência e a introjeção de modelos culturais impostos resultou no silêncio interpretado por muitos como extinção. No final do século XIX, neste Estado, já não havia nenhum registro oficial de indígenas ou terras indígenas (PORTO ALEGRE, 1992).

---

[*] Este texto é resultado de uma pesquisa preliminar e em andamento junto aos Potyguara do Mundo Novo - o Povo Caceteiro da Serra das Matas.

[**] Bacharel em Ciências Sociais (UFC).

Somente na década de 80 do século XX é que os grupos indígenas conseguem projeção, através de sua organização política. Embora faltem dados precisos, atualmente constituem uma população de mais de doze mil indivíduos.

Diante da atual afirmação étnica indígena faz-se necessárias explicações para suposta invisibilidade constatada anteriormente. Neste sentido, o passado é evocado em vista de produzir algumas formulações. Uma delas, bastante recorrente entre os indígenas e indigenistas é *a extinção por decreto*. O Relatório do Presidente da Província do Ceará, José Bento da Cunha Figueredo, apresentado à Assembléia Legislativa Provincial, em 1863, lido inadequadamente, fundamenta este discurso. O certo é que há uma carência de pesquisas que possibilitem o entendimento do que aconteceu com os indígenas após a extinção oficial dos aldeamentos.

**Alguns registros históricos**

Provenientes do Rio Grande do Norte e trechos da Paraíba, a presença Potiguara no estado do Ceará foi registrada desde 1603, tempo em que eles ocupavam grandes porções territoriais do Baixo Jaguaribe e talvez, em alguns trechos do litoral, ressurgindo, depois de larga interrupção, na faixa praiana que vai das margens do Parnaíba até muito além do gólfão maranhense (STUART FILHO; 1965: 50/51/110).

Constituíam um grupo bastante numeroso. Os vários topônimos[1] de origem tupi identificados no Ceará levam a crer que eles dominavam considerável parte da região. Habitavam ainda o litoral do Rio Grande do Norte e trechos da Paraíba. Os vários confrontos nas Capitanias da Paraíba e do Rio Grande do Norte causaram a dispersão dos Potiguaras que passaram a fugir da dominação portuguesa.

Coligados aos franceses, eram perseguidos pelos portugueses, então aliados dos Tabajaras que dominavam a Serra da Ibiapaba. Em 1611, quando Martins Soares Moreno se estabeleceu no Ceará, a relação entre Potiguaras e portugueses se tornou mais amistosa. Isto se deve a influência e amizade existente entre Soares Moreno e Jacaúna – Principal Potiguar que serviu de vínculo entre os brancos e os indígenas.

Durante o período colonial, é válido registrar, os acordos entre colonizadores e indígenas foram uma constante. Estas alianças envolviam potugueses, os franceses e holandeses e os mais variados grupos indígenas. “Alguns colonizadores eram hábeis

[1] Sobre os topônimos de origem Tupi presentes nesta região ver Aragão (1994).

negociadores e conseguiam sem maiores dificuldades a ‘amizade’ de alguns grupos, como aconteceria com Moreno e os Potiguara da aldeia de Jacaúna” (BARROS 2002: 86).

Ao tratar das dinâmicas locais nas vilas de índios no Ceará Grande sob o Diretório Pombalino, Peixoto da Silva (2003) verificou o exercício indígena de práticas políticas tais como subverter instituições, fazer alianças, ceder e negociar. Estamos, portanto, diante de uma maleabilidade significativa relacionada às necessidades e interesses dos colonizadores, assim como dos indígenas, o que contradiz a visão simplista de ingenuidade e passividade destes.

Os laços mantidos com os franceses foram abalados com a aproximação entre Potiguaras e portugueses, anteriormente citada. Porém, esta cordialidade com os lusitanos durou até 1631, quando Soares Moreno seguiu para Pernambuco. A partir de então emergiram as antigas divergências e os Potiguara aproximaram-se dos holandeses. Estes com a ajuda daqueles, em 1637, dominaram o Forte de São Sebastião, única praça forte da capitania. Mas a amizade com os holandeses durou pouco. A não remuneração dos trabalhos indígenas realizados nas salinas gerou grande revolta. Em 1644 os indígenas ocuparam o forte e mataram todos que lá se encontram (STUART FILHO, 1965).

Por ocasião da segunda invasão neerlandesa, em 1649, acolheram Mathias Beck amistosamente e passaram a viver desta forma até 20 de maio de 1654, quando o comando lusitano é restabelecido. Amedrontados diante do poder português muitos Potiguara abandonaram o litoral, seguiram rumo à Ibiapaba, então dominada pelos Tabajara. Após esta dispersão não há, no Ceará, registros históricos consistentes que venham a demonstrar o que ocorreu com estes segmentos que migraram para região serrana.

Contudo nem todos partiram. Em 1665 os Potiguara habitavam um grande aldeamento conhecido como “Bom Jesus da Aldeia de Parangaba”. Alguns indígenas dele egressos passaram a compor as Aldeias de “São Sebastião de Paupina” e, posteriormente, “Caucaia” e a “Aldeia Nova de Pitaguari”. Desta forma, em 1694, pode-se afirmar que havia quatro aldeamentos habitados por Potiguara nas proximidades de Fortaleza.

Contemporaneamente, vários grupos indígenas cearenses afirmam suas origens nesta etnia. Por exemplo, além dos Potyguara do Mundo Novo e dos Potiguara do Jacinto, em Monsenhor Tabosa, existem Potiguara em Crateús e em Tamboril. Adotando uma outra denominação podemos citar os Tapeba, em Caucaia e os Pitaguary, em Maracanaú e Pacatuba, que, em muitas assembléias e eventos, sustentam publicamente estas origens comum. Mais recentemente, os Paupina, em Fortaleza, fizeram a mesma afirmação.

É válido registrar que a localização dos Tapeba, Pitaguary e Paupina correspondem respectivamente a dos aldeamentos "Caucaia", "Aldeia Nova de Pitaguari" e "São Sebastião de Paupina" existentes em 1694.

Diante da diversidade de grupos Potiguara aqui em nosso estado, como forma de especificar o grupo por mim estudado, estou utilizando quase sempre um acréscimo a esta denominação. Ou seja, a eles faço referência como os Potyguara do Mundo Novo, os Potyguara de Monsenhor Tabosa. Utilizo, ainda, Povo Caceteiro da Serra das Matas ou a família dos Paixão. As duas primeiras denominações fazem referência a sua localização geográfica. A terceira, faz referência à dança dos cacetes, prática cultural desenvolvida por eles no passado e ao espaço geográfico. Já a última, corresponde a denominação da família tida como "originária" e predominante entre eles. Uma outra diferença se apresenta na grafia, os Paixão adotam o "y" na grafia, diferentemente dos demais que adotam o "i".

Todas as denominações acima citadas e por eles utilizadas fazem parte de uma *identidade contrastiva* dotada de caráter contrastivo e manipulador, forjada em situação de contato (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976). São estratégias políticas de afirmação da diferença, adotadas em oposição aos não-índios e aos demais grupos indígenas. Ainda neste aspecto, é válido registrar, há uma preferência pela terceira, que muitas vezes substitui a denominação étnica Potyguara. O livro por eles escrito e publicado em 2001 com recursos da Secretaria de Educação do Estado do Ceará - SEDUC, foi com ela nomeado: *Povo Caceteiro da Serra das Matas - a força que vem da terra*.

**Os Potyguara da Serra das Matas: os filhos da Cuiã, a irmã da cobra**

Localizado na Serra das Matas, município de Monsenhor Tabosa, no Centro-Oeste do Ceará, este grupo é composto por 20 famílias e 121 habitantes. Distantes 293 km de Fortaleza, estão a 640 metros do nível do mar, sendo um dos pontos mais altos do Estado. A temperatura varia de 18$^{o}$ C a 27$^{o}$ C. O município possui uma população de 15.451 habitantes, sendo que 6.883 vivem na cidade e 8.568 na zona rural (Anuário Estatístico do Ceará – 2001).

Região serrana composta por floresta caducifólia espinhosa (caatinga arbórea), caatinga arbustiva aberta e floresta subcaducifólia tropical pluvial (mata seca). Geomorfologicamente abriga depressões e maciços residuais dissecados em cristas e colinas. Com clima semi-árido, as poucas chuvas se concentram no período de janeiro a maio (IPLANCE - Atlas do Ceará, 1997).

O maciço da Serra das Matas é composto por um conjunto de serras (Olho d'água, Serra Branca, Bomsucesso, Anuês e São Gonçalo) e serrotes (Dois Irmãos, Caramiranga, Mundo Novo e Torão) (MARTINS & SALES, 1999). Em um desses serrotes, Mundo Novo, é que residem os Potyguara.

No presente são agricultores, mas afirmam ser o nomadismo sua forma de vida precedente. Como tais migravam pela região em busca de sua sobrevivência. Esta mobilidade fez com que eles perdessem seu território, pois a cada retorno se deparavam com a presença de não-índios. A escassez de recursos, acompanhada da ameaça de perda de suas terras, resultou na passagem de coletores a agricultores.

Fizeram o primeiro contato com a Fundação Nacional do Índio - FUNAI em 1999. Nesta ocasião, através de abaixo-assinado solicitaram o reconhecimento de sua identidade Potiguara e demarcação de suas terras.

A pertença Potiguara é defendida através da narrativa do seu mito de criação. A partir dele expressam a sua ancestralidade (Weber, 1994[1922]), e sustentam, desta forma, a sua etnicidade indígena. Eles acreditam que são os filhos da Cuiã, a irmã da Cobra. Vejamos no que consiste este mito de origem:

> "Uma mulher que tinha muita vontade de ter filhos. Quando foi um dia ela saiu pro mato e falou para as árvores:
> - Eu queria ter uma filha nem que fosse uma Cobra.
> Tempos depois essa mulher ficou buxuda e teve uma barriga de dois, uma menina e uma Cobra. Jogaram a Cobra dentro do mar e ficou a menina sendo criada pelos seus pais. Quando a menina estava mocinha morreu a sua mãe e ela ficou sendo criada por seu pai.
> A menina ficou moça e um dia pegou a mexer nas coisas de seu pai e encontrou um anel de tucum, pegou o anel e colocou no dedo, ficou bonzinho para ela. Ela saiu correndo e foi mostrar a seu pai. O pai vendo ela com o anel no dedo ficou assustado e falou:
> - Você agora vai casar comigo porque sua mãe disse que eu me casasse com quem esse anel servisse.
> - Eu não vou casar com você, porque você é meu pai – disse a Cuiã.
> Seu pai insistiu que ia casar com a Cuiã sua filha. A Cuiã saiu para a beira do mar e pediu ajuda a sua irmã.
> - Moi de Cobra?
> - O que você quer Cuiã?

- Que você me ajude, pois o nosso pai quer casar comigo, porque o anel que nossa mãe deixou serviu para mim e ele falou que ia casar comigo.

Disse a Cobra:

- Vá para outra aldeia e lá procure uma mulher que tenha um filho rapaz e você fique sempre assanhada, para eles pensarem que você é feia e no começo o rapaz não vai se interessar por você.

O tempo passou e tudo estava bem e na aldeia que a Cuiã estava houve grande cerimônia de casamento. A Cuiã saiu correndo em direção ao mar e disse:

- Minha irmã Cobra?

A Cobra disse:

- O que foi minha irmã?

A Cuiã disse:

- Eu quero um vestido da cor do céu com todos os planetas.

Sua irmã Cobra atendeu ao pedido. A Cuiã voltou para festa e passou toda a noite namorando o filho da mulher onde estava morando. Ele não reconheceu ela devido ela está tão bonita com aquele vestido. Bem cedo a Cuiã guardou seu vestido dentro da caixinha de pau que sua irmã havia dado. No dia seguinte a Cuiã voltou novamente ao mar e pediu sua irmã um vestido da cor do campo com todas as flores. Sua irmã Cobra fez seu pedido. No outro dia pediu um vestido da cor do mar com todos os peixes, sua irmã lhe atendeu e pediu que quando ela fosse se casar na hora da cerimônia chamasse por ela, que assim iria desencantar, desvirar de Cobra pra mulher. Na hora do casamento a Cuiã se esqueceu de chamar sua irmã e por isso que ainda hoje ela está encantada no mar. Do casamento da Cuiã com esse rapaz foi que começou os Potyguara" [2].

Historicamente os Potiguara dominavam o litoral. Com este mito os Paixão, núcleo famíliar que compõe quase que totalmente esta etnia, fundamentam o seu parentesco e origem Potiguara. Se observarmos, da barriga da mulher saem dois serem vivos: a Cobra e a Cuiã. A Cobra é jogada no mar, dela originam-se os Potiguara do litoral. Já a Cuiã é obrigada a fugir de seu pai, pois não é possível enfrentá-lo. Ela segue para uma outra aldeia - a Serra das Matas. Os Potyguara do Mundo Novo são, portanto, o*s filhos da Cuiã, a irmã da Cobra*.

Aqui não empreenderei nenhuma análise mitológica. Considerando objetivo proposto neste texto, acredito que a citação do mito permite compreender como o Povo Caceteiro da Serra da Matas torna plausível sua pertença a uma denominação étnica própria do litoral. Ele

[2] Fonte: Arquivos da Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC, material produzido pelos indígenas no Curso de Capacitação para os professores indígenas.

cumpre, portando, sua função explicativa do presente.

**Origem do Mundo Novo, atual morada**

O Coronel José de Araújo Costa adquiriu através de Data de Sesmaria, em 1700, a localidade denominada Jacinto. Conforme Farias (1996) este Coronel foi o maior latifundiário da Serra das Matas:

> Maiores comentários descarecem, sobre o imenso patrimônio descrito no inventário do Cel. José de Araújo Costa, merecendo ser dito que foi ele o maior proprietário rural da história de Tamboril[3], até nossos dias, cuja informação nos autoriza o exercício do cargo de Oficial do Registro de Imóveis de Tamboril, há mais de três décadas.
> Como óbvio, constata o leitor na descrição, que nada menos de 27 imóveis rurais, todos com diferentes denominações, lhe pertenceram. Ao leitor que desconhece a topografia do município de Tamboril, devemos informar que todo o curso do rio Acaraú, desde o seu divisor de águas com o rio Quixeramobim, afluente do Jaguaribe, com a interrupção das duas irmãs – Beatriz Francisca de Vasconcelos e Ana Alves Feitosa (neta) -, no imóvel "Serrote", ultrapassando a cidade de Tamboril até a localidade de "Cacibinha", foram terras por ele possuida. Este percurso, não é inferior a 25 km (FARIAS, 1996: 78 – Grifos meu).

Analisando o inventário do Coronel, falecido em 1864, é possível verificar que na lista de seus bens consta a localidade Jacinto, mais especificamente no item 57:

> 57. Declarou haver mais por aforamento de Quixeramobim, desta Província, um sítio de uma légua denominada 'JACINTO', extremando ao Poente, com água do Acaraú, ao Nascente, com a Barra do Olho d'Águinha, ao Norte, no divisor das águas do Sedro, ao Sul, nas quebradas da serra, avaliada por 200$00. (FARIAS, 1996: 77).

Devido à partilha da herança e posteriores negociações, o Jacinto foi dividido. Maria Tomázia e José Paixão, ancestrais dos Potiguara do Mundo Novo, compraram em 1918, por

[3] A cidade de Monsenhor Tabosa no passado fazia parte do município de Tamboril.

400 mil réis[4], uma porção central desta terra, a qual denominaram Mundo Novo. Com esta compra e nomeação, o Jacinto ficou dividido em duas porções: o Jacinto de Cima e o Jacinto de Baixo. Mundo Novo está localizado entre os dois. Atualmente, o Jacinto de Cima é habitado por diversos pequenos proprietários rurais; o Jacinto de Baixo pelos Bento e Mundo Novo pelos Paixão.

Em 1918, toda a família dos Bento vivia na Várzea, outra localidade do município majoritariamente por eles habitada. Na região da Serra das Matas, eles possuem fama de *desconfiados e valentões*. *Com eles ninguém brinca.* Na segunda viagem que fizemos à Monsenhor Tabosa, em outubro de 2002, juntamente com Alyne e Isadora[5], visitamos a Várzea. Este povoado continua quase que totalmente habitado pelos Bento. Segundo eles, suas terras foram invadidas por fazendeiros criadores de gado. Por este motivo, alguns tiveram que migrar para o Jacinto.

Na Várzea, os Bento, que nesta ocasião ainda não estavam "organizados" como indígenas, afirmaram ter consciência de suas raízes. Contaram que quando seus antepassados lá chegaram, a região era habitada por "selvagens". Nas disputas pelo território, alguns indígenas chegaram a morrer e outros fugiram, eles não sabem dizer para onde. Como mulher, naquela região, era muito difícil, alguns deles se casaram com índias. É comum o relato de que um antepassado chegou e pegou uma *índia no mato a dente de cachorro* e *a trancou dentro de casa até que ela amansasse*. Quando isto acontecia, ele passava a viver maritalmente com ela. A origem indígena da família é o resultado destas uniões.

Sobre a presença e expropriação indígena ocorrida em decorrência da ocupação do gado na região há alguns registros na historiografia local. Como estes não objetivavam refletir sobre a questão indígena, registraram estes fatos de forma vaga e genérica.

> Em nosso município, a Serra das Matas foi habitada por índios que mais tarde foram escravizados, expulsos ou mortos pelos conquistadores (MARTINS & SALES, 1999: 33).

[4] A geração atual sustenta o discurso de que compraram o que já lhes pertencia, pois como nômades, no passado habitavam da Serra das Matas à Serra da Ibiapaba.

[5] Alyne Silva Almeida e Isadora Lídia são estudantes do Bacharelado em Ciências Sociais, na Universidade Federal do Ceará. A primeira pesquisa Os Tabajara do Olho D`Água dos Canutos, localizados também em Monsenhor Tabosa. Já a segunda, inicialmente tentou pesquisar a educação indígena e diante das dificuldades de penetração nesta esfera, estava em busca de uma outra alternativa. Desta forma, com o objetivo de conhecer a realidade dos grupos indígenas de Monsenhor Tabosa e ver as possibilidades de uma possível pesquisa na região, ela nos acompanhou.

> Embora serra, a Serra das Matas fora primitivamente ocupada por vaqueiros. Nunca o negro. (. . .) A corrente sanguínea que medrou os caracteres somatológicos e burilou o perfil das matrizes do homem da Serra das Matas, em seu estágio mais primitivo, veio no fluxo da ocupação das sesmarias para o pastoreio do gado. Deste modo, a rigor, as faldas, ilhargas, pícaros e o altiplano da Serra das Matas foram ocupados, a partir dos anos 700, por vaqueiros no esmagamento aos primeiros donos das terras: os índios (LIMA, 1994: 43).

> Não precisaria citar que, esta penetração do gado, pelo Ceará a dentro, fora matando o índio (idem: 44).

No momento não consigo precisar em que ano ocorreu a chegada dos Bento no Jacinto. O fato é que com ela iniciam-se as disputas territoriais. Alguns relatos confirmam as versões escutadas na Várzea de que eles perderam parte de suas terras, foram "empurrados"[6] . Por este motivo chegam no Jacinto e passam a empurrar os Paixão. Pode-se afirmar que muitos dos conflitos envolvendo estas duas famílias se devem à incompatibilidade das atividades produtivas exercidas por ambos. Os Paixão eram agricultores e os Bento criadores de gado solto.

Os atritos entre eles são bastante conhecidos. Isto porque para resolver os constantes impasses geralmente eles recorriam a terceiros: delegado, juiz, políticos e o padre. É válido registrar que nas narrativas dos Paixão, os Bento estão sempre errados e são sempre perdedores.

As disputas foram encerradas na década de sessenta, quando foi celebrado um acordo de paz entre as duas famílias. Segundo algumas versões, além do empobrecimento dos Bento, o acordo teve a influência dos Gena, que são uma outra família da região. Algumas mulheres dessa linhagem casaram-se com homens das duas famílias. Por exemplo, a mulher de Jorge Bento é dos Gena. Tereza Cidis e Maria Luzanira, que são irmãs, casaram-se respectivamente com Antonio Veim e Noberto, que são dos Paixão.

Depois que os Paixão assumiram publicamente a etnicidade indígena, os Bento do Jacinto também o fizeram. Atualmente, estas duas famílias vivem em relativa harmonia. A relatividade afirmada possui uma razão de ser. Verifiquei que as desconfianças permanecem. É recorrente a afirmação: *Os Bento são como fogo de munturo*[7]*: por cima tá tudo bem. Mas por baixo o fogo tá cumendo.* Acredita-se que não há quem apague fogo no munturo. Quando

[6] Categoria nativa utilizada para falar da perda das terras. Esta perda é resultado das mais diversas negociações.
[7] Amontoado de lixo.

se pensa que tudo está sob controle, de repente aparece uma chama aqui, outra ali e acolá. Então um imenso fogaréu se apresenta e acaba com tudo. Por esta razão é melhor não confiar.

**Conclusão**

Para Oliveira Filho (1999) a etnicidade necessariamente supõe uma trajetória e uma origem. A primeira é histórica e resultante de múltiplos fatores. A segunda, além de ser uma experiência primária e individual, é também traduzida em saberes e narrativas. Segundo ele, as identidades étnicas são caracterizadas por uma atualização histórica que reforça o sentimento de referência a uma origem. Considerando este autor, pode-se afirmar que o relato aqui feito nos permitiu contemplar um pouco da etnicidade Potyguara do Mundo Novo.

Para além de uma paisagem, é no espaço que as práticas sociais acontecem e o sentido da vida se faz. Nele as relações são tecidas local e especificamente, transformando-o em um *lugar* (SANTOS, 1996). Assim sendo, originários do litoral, no presente, a Serra das Matas constitui o *lugar* onde o Povo Caceteiro, como grupo étnico (WEBER, 1994 [1922]; BARTH, 1998 [1969]; COHEN, 1978 [1974]; CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976; CUNHA, 1986) configura sua cultura e identidade.

Considerando que os mitos não são frutos da fantasia e dos devaneios, e sim uma forma de contar a história, conquistas, perdas e valores (ZANONI & BARROS, 2002), pode-se afirmar que com o mito *Os filhos da Cuiã, a irmã da Cobra* a família dos Paixão fundamenta sua pertença à etnia Potiguara. Dentre outras razões de ser, ele possibilita a afirmação do presente, ou seja, *de onde viemos e como chegamos aqui* (JONSON, 1997: 149).

A relação entre a etnografia e a história é bastante fecunda. Para o entendimento da atual existência Potyguara na Serra das Matas, aqui proposta, ela foi de fundamental importância. Porém, é válido registrar que, no geral, permanece o desafio de encarar a história de uma perspectiva das populações nativas, considerando seu protagonismo. Trata-se aqui de um deslocamento do foco do colonizador para os colonizados. Apesar de fundamentada em algumas verdades, a crônica da destruição e do despovoamento já não é mais aceitável para explicar a trajetória dos indígenas. Ela não nos permite ver as múltiplas experiências de elaboração e reformulação de identidades criativas em suas respostas. “O caminho ainda é longo e bastante incerto; mas vários antropólogos e historiadores já vêm dando passos na direção certa” (MONTEIRO, 2002: 142)

**Bibliografia:**

ARAGÃO, R. Batista. ***Índios do Ceará & Topônimos Indígenas***. Fortaleza: Barraca do Escritor Cearense, 1994.

BARROS, Paulo Sérgio. ***Confrontos invisíveis: colonialismo e resistência indígena no Ceará.*** São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

BARTH, Frederik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne (Orgs). ***Teorias da Etnicidade.*** São Paulo: Ed. Unesp, 1998 [1969].

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. ***Identidade, etnia e estrutura social***. São Paulo: Pioneira, 1976.

COHEN, Abner. ***O homem bidimensional: a antropologia do poder e o simbolismo em sociedades complexas***. Rio de Janeiro: Zahar.1978 (1974).

CUNHA, Manuela Carneiro da. ***Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade.*** São Paulo: Brasiliense, 1986.

FARIAS, Fernando Araújo. ***O Solar da Caiçara – história e genealogia***. Crateús: Gráfica Aquarela, 1996.

JOHSON, Allan G. ***Dicionário de Sociologia***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LIMA, Pe. Geraldo Oliveira. ***Gênese da Paróquia de Monsenhor Tabosa***. Rio de Janeiro: Marques Saraiva Gráficos e Editores Ltda, 1994.

MARTINS, Lais Almeida. ***De telha a Monsenhor Tabosa***. Porto Alegre: Alcance, 1997.

_____ & SALES, Márcio. ***Descobrindo e construindo Monsenhor Tabosa***. Fortaleza: Ed. Demócrito Rocha, 1999.

MONTEIRO, Jonh M. *Redescobrindo os índios da América portuguesa: Antropologia e História.* In AGUIAR, Odílio Alves (Org). ***Olhares contemporâneos: cenas do mundo em discussão na universidade.*** Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *Uma etnologia dos "índios misturados"? – situação colonial, territorialização e fluxos culturais.* In: OLIVEIRA, João Pacheco de (Org). ***A viagem da volta – etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena***. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.

PEIXOTO DA SILVA, Isabelle Braz. ***Vilas de índios no Ceará Grande: dinâmicas locais sob o Diretório Pombal***ino. Campinas: 2003 (Tese de Doutorado).

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. ***Fontes inéditas para a história indígena no Ceará.*** Fortaleza: UFC, 1992.

PROF[s] POTYGUARA. ***Povo Caceteiro da Serra das Matas - A força que vem da terra***, Monsenhor Tabosa: Seduc, 2001.

STUDART FILHO, Carlos. ***Aborígenes do Ceará***. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1965.

WEBER, Max. *Relações comunitárias étnicas.* IN: ***Economia e sociedade***. V I. 5 ed. Brasília: Ed Universidade de Brasília, 1994[1922].

ZANONI, Claúdio & Maria M. dos Santos. Uma possível chave de leitura dos mitos. In: ***... e Tonantzin veio morar conosco: IV Encontro Continental de Teologia India***. Belém: CIMI; AELAPI, 2003.